

04 de dezembro de 2006

*Folha de S. Paulo*

## Madame Shakespeare

**Principal estudiosa do autor inglês no Brasil, Barbara Heliodora lança o primeiro volume das traduções de suas peças**

Referência em Shakespeare no Brasil, Barbara Heliodora, 83, traduziu e está lançando o "Teatro Completo" do mais célebre autor anglófono. O primeiro volume [ed. Nova Aguilar, 1.776 págs., R\$ 290], que chega às livrarias nesta semana, contém as tragédias e comédias sombrias, que já haviam sido lançadas em edições separadas (ed. Lacerda) e agora foram reunidas e revisadas. O segundo volume, com as comédias, está previsto para 2007; o terceiro, com as peças históricas, para 2008. Em entrevista à *Folha*, a crítica comentou a tradução, elegeu peças favoritas e condenou a postura dos dramaturgos brasileiros diante da imagem do Shakespeare "difícil".

**FOLHA - Quanto tempo levou o trabalho de tradução das peças de Shakespeare (1564-1616)?**

BARBARA HELIODORA - Varia muito, geralmente leva três ou quatro meses por peça. Isso juntamente com outras atividades, como a crítica. Meu recorde de velocidade - parece ridículo falar assim - foi *Romeu e Julieta*, que fiz em cinco semanas, porque o [diretor] Moacyr Góes a estava montando. Tinha de entregar um ato por semana. Para o segundo volume, faltam apenas *Cimbeline*. Depois disso, faltam cinco ou seis peças históricas.

**FOLHA - Quais foram as maiores dificuldades que enfrentou?**

HELIODORA - O maior tropeço para a tradução são os jogos de palavras, que eram muito populares na época. São muitas vezes intraduzíveis. Há palavras que têm dois sentidos, e sempre se perde um pouco; é preciso abdicar de algum sentido. Por exemplo: em "Hamlet", no quinto ato, quando entram os coveiros, há um jogo de palavras em "to lie", que é tanto "mentir" quanto "jazer".

**FOLHA - Shakespeare é conhecido por instituir neologismos. Como sua tradução leva isso em conta?**

HELIODORA - Ele escreveu na linguagem mais moderna de seu tempo. É preciso usar a linguagem de hoje, mas evitando a gíria. É preciso ser algo fluente, sem ser excepcionalmente "do momento". A única peça em que me permiti brincadeiras mais populares foi a *Comédia dos Erros*, na fala do escravo Drômio. Numa comédia, por mais fiel que se queira ser, a linguagem tem de ser de comédia. A fidelidade é, em última análise, ao conteúdo e ao objetivo, e não literalmente à palavra. Há uma tradução que não é minha, que é *Hamlet*, feita por minha mãe [Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça].

**FOLHA - A sra. não alterou?**

HELIODORA - Após quase 50 anos que foi feita, só mexi no tratamento. O tratamento "vós" já está tão longe do cotidiano brasileiro que, salvo em ocasiões formais e ao falar

com o rei, troquei o vós por senhor, mantendo a métrica. Achei que ficaria mais acessível. Tenho horror à idéia, popular no passado, de que Shakespeare é muito difícil, "você não vai compreender". Shakespeare foi um autor popular, que escrevia para um teatro de 2.000 lugares aonde ia todo o espectro da sociedade elisabetana. Mesmo quando usa palavras novas, ele as insere de tal modo no contexto da fala que ninguém sai dos teatros dizendo que não compreendeu a peça. Ele nunca é hermético. O que acontece é que cada um traz consigo um nível de interesse, preparo ou o que quer que seja, que permite apreciar a primeira camada, a primeira e a segunda, a segunda e a terceira... (risos) A história todo mundo compreende, e a história é sempre uma metáfora do conteúdo.

**FOLHA - Que tem sido feito no teatro hoje? Tem-se preservado o conteúdo de Shakespeare?**

HELIODORA - No Brasil, de vez em quando mexem. Na Inglaterra preservam sempre o conteúdo -e a forma.

**FOLHA - Então as montagens brasileiras fogem mais a Shakespeare do que as realizadas no exterior?**

HELIODORA - Sim. Acho que é por uma questão de preconceito, porque, em primeiro lugar, não temos tradição de traduções -nem Shakespeare nem Molière nem Racine nem Corneille. Os clássicos não são rotineiramente montados aqui. O que há são traduções feitas há muito tempo por pessoas não comprometidas com o teatro. Fica difícil pronunciar aquilo. Minha preocupação foi a de usar uma linguagem que permita ao ator dizer com certa facilidade e que se comunique claramente com a platéia.

**FOLHA - As traduções anteriores são mais literárias que teatrais?**

HELIODORA - As mais clássicas eram. Inclusive havia muito parnasianismo, e de parnasiano Shakespeare não tinha nada.

**FOLHA - Sua tradução procura ser metrificada...**

HELIODORA - Toda. Procurei manter o mesmo número de versos do original.

**FOLHA - E as elisões usadas permitem manter cada idéia inteira em um só verso.**

HELIODORA - Tento fazer como ele fez. No início da carreira, Shakespeare usa muito isso, o pensamento todo em um verso. À medida que ele amadurece, vai se libertando disso e usando mais de um verso para completar o pensamento.

**FOLHA - Das obras de Shakespeare, qual mais lhe agrada?**

HELIODORA - Na tragédia, fico entre *Rei Lear* e *Hamlet*. Nas comédias, *Sonho de uma noite de verão* e *O mercador de Veneza*. E, nos romances, *A tempestade*.

**FOLHA - Que adaptações recentes de Shakespeare a sra. mais apreciou? Por quê?**

HELIODORA - O *Romeu e Julieta* do grupo Galpão, dirigido por Gabriel Villela, que manteve o clima do amor e do conflito entre as famílias. E, há menos de um mês, vi uma coisa muito gostosa: *Os dois cavaleiros de Verona*, do grupo Nós do Morro. Feito obviamente com poucos recursos, tinha ótimas soluções de figurino e cenografia. A fonte da cidade, por exemplo, era formada pelos atores reunidos.

**FOLHA - Quem são os grandes encenadores de Shakespeare no mundo, atualmente?**

HELIODORA - Temos o Peter Brook, que fez um *Titus Andronicus* e um *Rei Lear* inesquecíveis – mas falhou em *Macbeth* –, Peter Hall, Trevor Nunn, Kenneth Branagh...

**FOLHA - E no Brasil?** HELIODORA - Acho que não há uma tradição de diretores de Shakespeare. O *Hamlet* famoso, com Sérgio Cardoso [1925-72, que estreou em 1948] foi dirigido por um alemão, o Hoffmann Harnisch. De vez em quando acertam, de vez em quando erram.

**FOLHA - E atores?**

HELIODORA - Na Inglaterra há uma coleção assustadora. Mas acho mentira essa história de dizer que ator brasileiro não pode fazer Shakespeare. Todo bom ator pode fazer, mas é preciso desmistificar as peças.

**FOLHA - De onde vem a inclusão de *Bom é o que acaba bem*, *Medida por medida* e *Troilus e Crésida* em "comédias sombrias"?**

HELIODORA - Em princípio, da distribuição clássica [tragédias, comédias, peças históricas]. A divisão "comédia sombria", para as três comédias nas quais a ênfase é nos problemas éticos e sexuais, aparece na crítica anglo-saxônica em meados do século 20: são "dark comedies", que não têm o final feliz típico da comédia. São problemas difíceis de solucionar, mas não são tragédias.

**FOLHA - Mas tragédias como *Rei Lear* não estão cheias de momentos cômicos?**

HELIODORA - Isso é outra coisa. Os elisabetanos praticamente nunca ouviram falar das famosas unidades aristotélicas [tempo, espaço e ação]. O teatro elisabetano é efetivamente um desenvolvimento do teatro medieval inglês, e a mistura com o cômico sempre existiu. O bobo da corte do *Lear*, por exemplo, é engraçado até certo ponto, mas é cruel: "Você fez uma burrada! Sua filha mais moça não estava errada, não". Ele é usado como consciência de Lear, enquanto este não tem consciência. A partir da tempestade, o bobo desaparece, porque Lear toma consciência -ele não é mais necessário. Shakespeare escreve um teatro totalmente anti-realista, de maneira que não tem o menor problema em tirar o bobo de cena quando a função dele não é mais necessária. E em *Hamlet*, antes do duelo final, para dar fôlego à platéia, há a pequena cena do Osric – Hamlet se diverte à custa daquele cortesão ridículo. Mas isso permite ao público tomar fôlego para ver a mortandade final. A não ser por *Titus* e o lírico *Romeu e Julieta*, ele só começa a escrever tragédia em 1601 [com *Hamlet*], quando já amadureceu como artista.

**FOLHA - Muitos encenadores devem ficar inseguros diante dessas tragédias...**

HELIODORA - *Rei Lear* e *Hamlet* são bons exemplos de peças que têm uma tal riqueza tal que não é possível realizá-las plenamente no palco em um só espetáculo. É por isso que há vários espetáculos válidos, muito bons, mas que sempre deixam escapar algo em relação aos outros. Vou dar um exemplo. Há os filmes *Henrique V*, um feito por Lawrence Olivier, o outro por Kenneth Branagh. O de Olivier foi feito em 1944, durante a Segunda Guerra, quando a Inglaterra era bombardeada todos os dias. Eles precisavam de um tom mais triunfalista, de esperança. Quase 50 anos depois, todo mundo tem horror à guerra. Então Branagh faz um espetáculo soturno, que mostra todos os males da guerra -mas tudo aquilo está nos textos de Shakespeare. Depende de como se faz o corte.

Disponível em [www.traca.com.br/?pag=clip20061204](http://www.traca.com.br/?pag=clip20061204)